



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## **PATRIMÔNIO CULTURAL, HISTÓRIA, MEMÓRIA E TURISMO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE MUCUGÊ - BA EM RELAÇÃO À ARQUITETURA DO LUGAR**

Gardênia Tereza Jardim Pereira\*  
(UESB)

### **RESUMO**

Esse estudo é resultado de pesquisa realizada a partir de revisão de literatura e coleta de dados *in loco* com o objetivo de analisar a percepção dos moradores de Mucugê - Ba acerca do patrimônio cultural do lugar, mais precisamente o patrimônio arquitetônico, levando em consideração a história dessas edificações e de que maneira como a preservação da memória do lugar pode contribuir para salvaguardar esse legado cultural. No intuito de atingir o objetivo proposto, foi realizada entrevista semi-estruturada com os moradores líderes de opinião da cidade, identificados por meio de amostragem não probabilística intencional (LAKATOS; MARCONI, 1991). As informações coletadas foram transcritas, analisadas, e discutidas, o que possibilitou a identificação das edificações mais importantes para os moradores de Mucugê e o potencial das mesmas para o fomento do turismo cultural.

**PALAVRAS – CHAVE:** História. Patrimônio cultural. Turismo.

### **INTRODUÇÃO**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2008), O município de Mucugê, que se localiza no semi-árido baiano, possui uma área territorial de 2.482 Km<sup>2</sup> e população aproximada de 14.131 habitantes (CENSO -

---

\* Mestre em Cultura e Turismo. Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. E-mail: gardeniajardim@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

IBGE, 2007), sendo 5.017 habitantes na zona urbana, (que praticamente se restringe ao centro histórico, ou seja, a toda área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN).

Pode-se afirmar que, inicialmente, Mucugê atrai visitantes por possuir uma das áreas naturais mais bem preservadas do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Entretanto, existe grande potencial turístico no que se refere ao patrimônio cultural, sendo priorizado, neste estudo, o patrimônio histórico arquitetônico, por sua representatividade para valorização da identidade e da memória local.

Ainda que a dinâmica de hoje não seja a mesma de meados do século XIX, tem-se a sensação, ao chegar a Mucugê, que a cidade “parou no tempo”, ora pelo casario bem preservado, ora pelas narrativas de garimpo presentes nas esquinas do lugar. No município encontram-se preservadas igrejas do século XIX, sobrados, museus, casas térreas, além da arquitetura funerária dos mausoléus do Cemitério Santa Isabel (Cemitério Bizantino) e as tocas e locas em alvenaria, que serviram de habitação para os garimpeiros durante o auge da extração do diamante.

Acredita-se também que a prática do turismo cultural possa estimular o resgate à memória por parte dos moradores do lugar, pois cada visitante que busca essa segmentação subtende em uma oportunidade para o morador do destino turístico de divulgação da história local e enaltecimento do seu patrimônio, o que implica em um exercício constante, onde a memória torna-se o principal elo de aproximação com o passado.

Assim, buscou-se compreender por meio desse trabalho a opinião dos moradores envolvidos com a atividade turística no que tange a esse patrimônio arquitetônico, pois subtende que a conversão desse recurso em atrativo turístico por meio do turismo cultural, possa de fato contribuir para o desenvolvimento da economia local e para sensibilização da comunidade em relação à importância do seu patrimônio arquitetônico e de sua memória.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A arquitetura da cidade diz muito a respeito da população que ali reside, “denuncia” todo o seu processo de crescimento urbano, as atividades econômicas que o moveu, as influências culturais que sofreu, decorrentes muitas vezes de fluxos migratórios. Reafirma o poder de classes sociais, demonstra a miséria de outras comunidades, encanta pela suntuosidade, choca pela simplicidade.

Uma mistura de tipos, elementos, estilos arquitetônicos estão espalhados pelo país. Essa miscelânea nos leva a perceber que a arquitetura por si só equivale à cultura, e se assim pode ser definida, compreende também em patrimônio.

A arquitetura apresenta uma função social a partir do momento em que sua intervenção no meio ambiente objetiva criar novos espaços para atender às necessidades imediatas ou as expectativas programadas, de acordo com um dado contexto que a impulsiona (ZEVI, 1996).

As igrejas barrocas quando envolvidas por adornos, tinham o objetivo do dualismo em função de uma necessidade católica de reafirmar poder e “aproximar” o indivíduo de Deus, portanto, da própria igreja. Possuem portas longas, também propositalmente. Havia sim necessidade de mostrar ao homem sua inferioridade diante do celestial.

Baseado então nas diferenças culturais que moldam a arquitetura compreende-se que “não há possibilidade de repetições ou de identidades absolutas. Queira-se ou não, cada povo, em cada região, terá a sua própria arquitetura (LE MOS, 2004 p. 40)”. Cada edifício caracteriza-se por um pluralismo de valores: econômicos, sociais, técnicos, funcionais, artísticos, espaciais e decorativos, e cada um têm a liberdade de escrever histórias econômicas da arquitetura, histórias sociais, técnicas, volumétricas.

Viollet-le-duc (*apud* ROSSI, 1995 p. 138), concebe a arte da arquitetura como uma criação humana. O arquiteto francês adiciona que “essa criação humana, não é, pois, na verdade, nada mais que uma aplicação de princípios que nasceram fora de nós e de que nos apropriamos por observação”. Tais princípios encontram-se



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

representados nas cidades que, por sua vez, possuem nas casas a representação do que melhor caracteriza os costumes, os gostos e os usos de um povo.

Ao se atentar para a condição da arquitetura enquanto fazer humano, enquanto artefato cultural, compreende-se que edificações não são apenas lugares de condição humana, mas, uma parte desta que se representa na cidade, em seus monumentos, nos bairros, nas residências, em todos os acontecimentos urbanos que surgem do espaço vivido. Neste sentido, Rolnik (1995, p. 18) compreende que a arquitetura da cidade é

[...] ao mesmo tempo continente e registro da vida social e é essa dimensão que permite que o próprio espaço da cidade se encarregue de contar sua história. A consciência desta dimensão na arquitetura levou a que hoje se fale muito em preservação da memória coletiva, através da conservação de bens arquitetônicos, isto é, da não demolição de construções antigas. Trata-se de impedir muitas vezes, que acabem por servir apenas à contemplação, morrendo assim para a cidade que pulsa viva, ao redor.

Sendo a própria cidade a memória coletiva dos povos e estando essa memória ligada a fatos e a lugares, Barretto (2000, p. 47) acrescenta que “a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local”. Uma edificação dificilmente será alvo de depredação, por exemplo, por parte de alguém que sabe seu significado, que reconhece o que ele representa para sua própria história enquanto cidadão, simplesmente porque se identificará com aquele prédio.

Assim entendida, a memória torna-se o fio condutor de toda a complexa estrutura; nisso a arquitetura dos fatos urbanos se destaca da arte enquanto elemento que existe por si mesmo; até os maiores monumentos da arquitetura estão intimamente ligados à cidade. De tal modo, a união entre o passado e o futuro está



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

na própria idéia de cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa para concretizar-se nela.

Ao pensar em patrimônio deve-se lembrar que esta palavra é utilizada corriqueiramente, empregada em seus mais variados sentidos, atrelada seja a finanças, considerando o contexto material, seja ao simbólico, seja do individual ao coletivo. Ultimamente há um consentimento de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas também o que concebe a cultura dos menos favorecidos

Sobre essa idéia de patrimônio enquanto conjunto de bens legados pela coletividade sabe-se que, até a primeira metade do século XVIII, o conceito de patrimônio cultural era sempre associado a obras monumentais, luxuosas, consagradas como arte elitizada e associada às classes dominantes, seja da sociedade política ou civil. Os imóveis avaliados como dignos de cuidados especiais e exposição eram os antigos palácios, as residências de nobres, os locais onde aconteceram fatos relevantes para a história política de determinado local, além da arquitetura religiosa.

Ao considerar a arquitetura como patrimônio, passa-se a compreender edificação como muito mais que um amontoado de concreto. Contudo, é necessário que quem a veja considere a junção da fachada com o seu espaço interior, tanto no sentido físico quanto simbólico. Pensar arquitetonicamente é compreender a edificação como um todo e identificar os elementos que tornam cada construção única.

Todavia, enfatiza-se que o reconhecimento da arquitetura enquanto patrimônio cultural ultrapassa essas considerações. É preciso que a edificação contenha valores históricos, sociais e culturais, o que não é difícil, pois o homem é, sem dúvida, o principal “elemento” da arquitetura, e o principal agente da história. Ele começa a construir as primeiras histórias no momento em que pensa a construção,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

seja ele homem-arquiteto, homem mestre-de-obras, ou homem-habitante, os homens se encarregam de cultivar história nesses lugares.

O processo de ocupação socioeconômica da Chapada Diamantina data do início do século XVIII. A princípio, foi motivado pela busca do ouro para outras partes do interior do país, depois pela atividade pecuária praticada ao longo do Rio São Francisco e, mais tarde, pela exploração diamantífera (BRITO, 2005).

Autores como Sales (1994); Brito (2005), afirmam que o primeiro diamante da Chapada Diamantina não só teria sido encontrado em Mucugê, como também o fato teria acontecido ainda em 1844, antes mesmo do surgimento da Vila de Santa Isabel do Paraguaçu. Sobre o achado oficial do então garimpeiro Cazuzza do Prado, os versos do poema “Descobrimento”, assim registram o fato:

Cazuzinha do Prado mergulhou a mão em concha nas águas  
tranqüilas do córrego e viu no fundo, onde o céu se refletia  
claramente, estrelas brilhando, cintilantes...

- Ué! Estrelas de dia? Não. Eram diamantes... (Roteiro Sentimental  
das Lavras Diamantinas apud SALES, 1994 p. 31).

Ainda sobre a descoberta de diamantes, há relatos de que, antes mesmo do achado da primeira pedra bruta, dois pesquisadores naturalistas alemães de nomes Spix e Martius, em 1818 reconheceram, pela formação geológica dos terrenos e pela natureza das chapadas, a existência do carbonato, um tipo de pedra que viria a ser um indicador da existência de diamantes e revelaram o fato ao sargento-mor Francisco José da Rocha Medrado, proprietário de vastos terrenos nestes lugares (BRITO, 2005).

Sendo assim, Mucugê foi tomada por um grande contingente de pessoas e entre essa população flutuante estavam homens abastados, conhecidos por coronéis que, ao chegar, apossavam-se das terras, mandavam demarcá-las, providenciavam o registro e colocavam fim na livre garimpagem (ROSA, 1973). Junto com essa população flutuante “também vieram para a Chapada Diamantina vários



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

estrangeiros, a exemplo dos árabes, judeus, franceses, ingleses e (raros) africanos chegados na condição de escravos, livres ou libertos” (SENNA, 2002, p. 229). Nesse período a população do município chegou a 12.000 pessoas, número que se justapõe hoje à população atual, o que assegura a importância das lavras diamantinas em determinado período da história econômica do município.

O trabalho acumulado pelo garimpo do século XIX até meados do século XX resultou em um direcionamento econômico, em uma organização espacial com novas exigências de mercado que passaram a reestruturar esse espaço. Percebe-se então que a organização sócio-espacial que passou a existir nas cidades da Chapada Diamantina é resultado do processo de garimpagem.

É a mesma cidade de meados do século XIX, preservada em suas legítimas afirmações culturais, mesmo não sendo tarefa fácil o cumprimento da ingente atribuição de defender e preservar os bens culturais do país. O belo casario de Mucugê permanece harmonioso e preservado. É uma característica marcante do início da implantação de um dos mais belos instantes da história socioeconômica da Bahia: a descoberta e povoamento das lavras diamantinas ou Chapada Diamantina (SALES, 1994).

Percorrer as ruas de Mucugê e ter acesso à cultura do lugar, à um pouco de sua história por meio da visita às edificações e museus possibilita experiências para o visitante que anseia por conhecimentos diferentes do seu cotidiano. As marcas históricas deixadas nos casarões, nas ruas, nos hábitos dos moradores, bem como as modificações sofridas na paisagem do lugar, sejam elas por meio da extração do garimpo, ou da dinâmica da vida na cidade, são fortes indicativos de um lugar especial que, além da paisagem cênica, traz nas entrelinhas aspectos de uma cultura moldada pelos personagens que hoje tornam a memória presentificada a partir das histórias contadas.

Através do conjunto arquitetônico do centro histórico de Mucugê, que ainda conserva características artísticas representativas do gosto construtivo



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

predominante no século XIX, é construída uma forte ligação entre o passado e o presente na cultura e história do município. Ao mesmo tempo, a atividade turística local tem nesse conjunto um atrativo de destaque para o desenvolvimento do turismo cultural.

Na pesquisa de campo, tentou identificar a importância do patrimônio arquitetônico de Mucugê para os moradores da cidade. Partindo desse pressuposto, tornou-se relevante também compreender se os mesmos sabiam o significado do termo, e se de certa forma, o associavam aos bens culturais do município e se percebiam a importância da história dessas edificações, bem como, a necessidade de preservar a memória do lugar.

Dos catorze moradores entrevistados, apenas um afirmou não saber o significado do termo patrimônio. Para o morador, O. A. 39 anos, “patrimônio é tudo que tem valor para uma comunidade, aquilo que de certa forma possui uma utilidade, tem uma ligação onde você se identifica e se sente parte disso. Acho que é tudo que tem valor pra alguém”. Outros moradores mostraram não somente conhecimento acerca do termo, mas também, sensibilidade no que se refere a salvaguardar, a fim de legar para outras gerações.

Os moradores líderes de opinião associam o conceito de patrimônio a pertencimento, tal fato leva a crer que há uma relatividade quando se considera o termo, afinal, o que vai decidir se um determinado bem é visto pela coletividade ou pelo individual como patrimônio é justamente a relação de pertença, a importância, o valor simbólico que esse artefato possui.

Essa relação simbólica é sem dúvida um ponto importante quando se pensa em atividade turística. Acredita-se que ter identificado que há conhecimento por parte do morador de Mucugê com relação a esse patrimônio, e que o mesmo reconhece a importância desses bens culturais, torna-se um aspecto imprescindível para o desenvolvimento de qualquer prática de turismo, principalmente o turismo cultural.





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Quando foi questionado aos moradores sobre a importância do patrimônio arquitetônico de Mucugê, houve uma associação direta com a identidade do lugar. Os entrevistados associavam o patrimônio material do município, a memória, aos fatos históricos que ali ocorreram, atribuindo uma importância significativa. “O patrimônio arquitetônico de Mucugê é uma coisa muito importante porque preserva a antiguidade e as coisas que foram feitas pelas pessoas que a gente não tem mais junto com a gente” relata A.L, 68 anos, empresário da rede hoteleira.

Em verdade, por conta do ciclo diamantífero, Mucugê e outros municípios da Chapada Diamantina contribuíram muito para o processo de revolução tecnológica industrial a nível mundial, afinal, a comercialização do diamante não teve impacto somente no Brasil, houve uma proporção mundial. Nesse sentido, “toda essa cultura produzida aqui na época mostra essas riquezas, esses valores culturais, essas riquezas de detalhes, a própria arquitetura da época... Eu acho que isso é singular, não tem outro”. (O. A. 39 anos),

P.R. G, 65 anos, acredita que o título de Patrimônio Nacional deva-se “certamente porque há edificações interessantes de serem preservadas. E a definição de patrimônio nacional é uma forma de preservar essas características originais de cada construção”. Já para E. R, 87 anos, alguns bens materiais por conta da arquitetura singular como, por exemplo, o Cemitério Bizantino, contribuíram para que o título fosse dado ao município.

Para compreender quais as edificações eram mais importantes para os moradores a partir do valor histórico, foi perguntado se o mesmo conhecia a história de alguma das edificações do centro histórico, como por exemplo: proprietário, tipo de construção, quando foi construída. A partir do momento que o morador relatava os fatos históricos como o coronelismo, escravidão e o garimpo, começava a associá-los às edificações.

E. R. J, 33 anos, diz:



ISSN: 2175-5493

## X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A prefeitura municipal e onde hoje é o museu e o Centro de Cultura... Na verdade, aqueles dois principais prédios ali foram dois irmãos que construíram um comendador e o outro sargento mor. A igreja matriz começou a ser construída em 1850, por escravos, uma obra que ficou um pouco inacabada em função do declínio naquela época da principal atividade econômica, o diamante. O próprio Cemitério Bizantino tem uma história muito rica, foi construído em 1855 e sofreu a influência gótica e bizantina na minha visão daquela arquitetura, mas, existem várias versões pra aquilo ali, neogótico, neoclássico..

Fato é que há uma história que é propagada por gerações, e como os registros históricos são escassos, foi difícil captar informações mais precisas. Nesse sentido há uma lacuna quando o assunto é a arquitetura do lugar, o que foi percebido é que o que se sabe está relacionado à história de alguns proprietários dessas edificações. Datas não são afirmadas com precisão, tampouco há conhecimento do porque dos dois estilos que prevalecem no centro histórico serem o neogótico e o neoclássico.

Em parte dos relatos sobre a história desses imóveis há associação aos coronéis enquanto proprietários, o que foi confirmado em análises de inventários no Arquivo Público Municipal. Porém, questões como datas e dados sobre a presença de escravos na construção dessas edificações são informações que em sua maioria ainda estão sem respaldo científico.

A tabela (01) mostra as edificações mais mencionadas na pesquisa de campo a partir do valor histórico atribuído pelos moradores líderes de opinião:

**Tabela 01 - Edificações mais apontadas na pesquisa a partir do valor histórico**

Edificações	Indicações											
	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
1. Igreja Matriz de Santa Isabel	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
2. Igreja de Santo Antônio	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
3. Prédio do Centro de Cultura	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
4. Prédio da Prefeitura Municipal	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
5. Casa de D. Laçimi	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
6. Sobrado da Profª Elice Azevedo	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
7. Casa térrea da prof. Elice Azevedo	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
8. Cabaré do Fecha Nunca – Cabaré do Joinha	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
9. Casa de Sr. Fugêncio	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
10. Cemitério Bizantino	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
11. Chalé da família Medrado	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
12. Pousada Mucugê	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
13. Pousada Jardim da Estalagem	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
14. Casa de Sr. Tarso	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
15. Sobrado do Sr. Carlos Machado	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
16. Pousada Casa da Roça	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
17. Restaurante Sabor e arte	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	0

Dados da pesquisa de campo realizada no centro histórico de Mucugê em 2009.

Fonte: elaboração própria (2010).

As edificações acima foram apontadas pelos moradores como de maior importância na ordem em que se encontram expostas, justificadas ao lado pelo número de indicações. Todas as edificações estão relacionadas diretamente a algum acontecimento histórico que os moradores acreditam ter sido relevante e se faz presente em suas memórias. Por exemplo, o prédio da prefeitura foi apontado em primeiro lugar por ter pertencido ao coronel Reginaldo Landulfo Medrado, o primeiro cidadão mucugeense nomeado coronel e por ter funcionando como casa de câmara e cadeia. A Igreja de Santa Isabel, por ter sido o primeiro prédio religioso da cidade construído por mão de obra escrava.

As edificações que foram apontadas apenas uma vez, também estão associadas a algum acontecimento histórico como as últimas: sobrado do Sr. Carlos Machado (primeiro comércio da cidade); pousada Casa da Roça (pertenceu a primeira família de imigrantes portugueses que chegou a cidade); Restaurante Sabor e arte



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

(casa de grande latifundiário possuidor de escravos, há relatos que havia uma senzala aos fundos da residência); Chalé da família Medrado (por deter até hoje o poder político do município).

## CONCLUSÕES

Acredita-se que a pesquisa de campo mostrou o quanto o patrimônio arquitetônico de Mucugê possui representatividade para os moradores do município. Trata-se de legado cultural arraigado de valor histórico e estético. Percebeu-se que a importância atribuída ao mesmo se dá em função da história dessas edificações e da memória que se mantém presentificada a medida que esse patrimônio é preservado e difundido pelos moradores.

Fato é que a inserção da população no processo do acontecer turístico ainda precisa caminhar muito, principalmente no que diz respeito a sua participação. Constatou-se que apesar do patrimônio cultural da cidade ser possuidor de grande valor sentimental, ainda é subutilizado pela atividade turística, e por conta disso esse patrimônio arquitetônico ainda é pouco difundido.

Diante das análises realizadas, espera-se que o *trade* turístico, o poder público e os moradores de Mucugê, percebam a relevância da valorização do patrimônio cultural, através da atividade turística percebendo assim que o turismo pode ser um aliado na preservação, no enaltecimento e conseqüentemente, se planejado, pode levar a salvaguardar esse legado cultural material, e por que não dizer, a história do lugar.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. 3a edição. Campinas: Ed Papirus. SP 2000.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

BRITO, F. E. M. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina.** Salvador: EDUFBA, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 02/Mai/2008.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia.** científica.3 ed.rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LEMONS, C. **O que é patrimônio histórico** - São Paulo: Brasiliense, (col. primeiros passos), 2004.

ROLNIK, R. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense – (Col. 1º passos) 1995.

ROSA, D. L. **O mandonismo local na Chapada Diamantina.** Dissertação apresentada ao mestrado em Ciências Sociais da UFBA, 1973.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SALES, F. **Memória de Mucugê;** Egba – Empresa gráfica da Bahia – 1994.

SENN, R. S. **Passado projetado e presente anterior:** o século XX que foi possível traduzir. In: ARAÚJO, Delmar A.; NEVES. Erivelton F. e SENNA, Ronaldo S. (Orgs). **Bamburrius e quimeras (Olhas sobre Lençóis: narrativas de garimpo e interpretação da cultura).** Feira de Santana, UEFS, 2002.